



Ano 1 - nº 1 - dezembro 2008
Presidente Prudente - SP

VIDERE

S/A . I . R . F . MATARAZZO



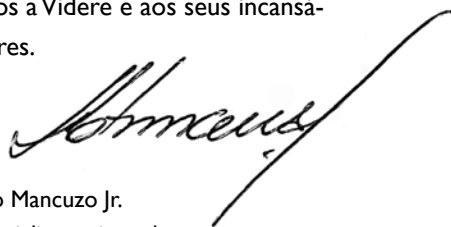
A história de um patrimônio

A proposta da revista Videre é um compromisso com a própria história de Presidente Prudente e com o jornalismo. Ao contar a saga das Indústrias Matarazzo em Presidente Prudente, ela inaugura um plano maior que tem início em âmbito acadêmico, mas salta os muros da universidade e vai ao encontro da comunidade. É, em todos os sentidos, um presente porque revela não só a trajetória histórica de um empreendimento, que ancorou durante anos o desenvolvimento da maior cidade do Oeste Paulista e contribuiu para a manutenção econômica de muitas famílias pioneiras, mas principalmente, contempla a memória do município.

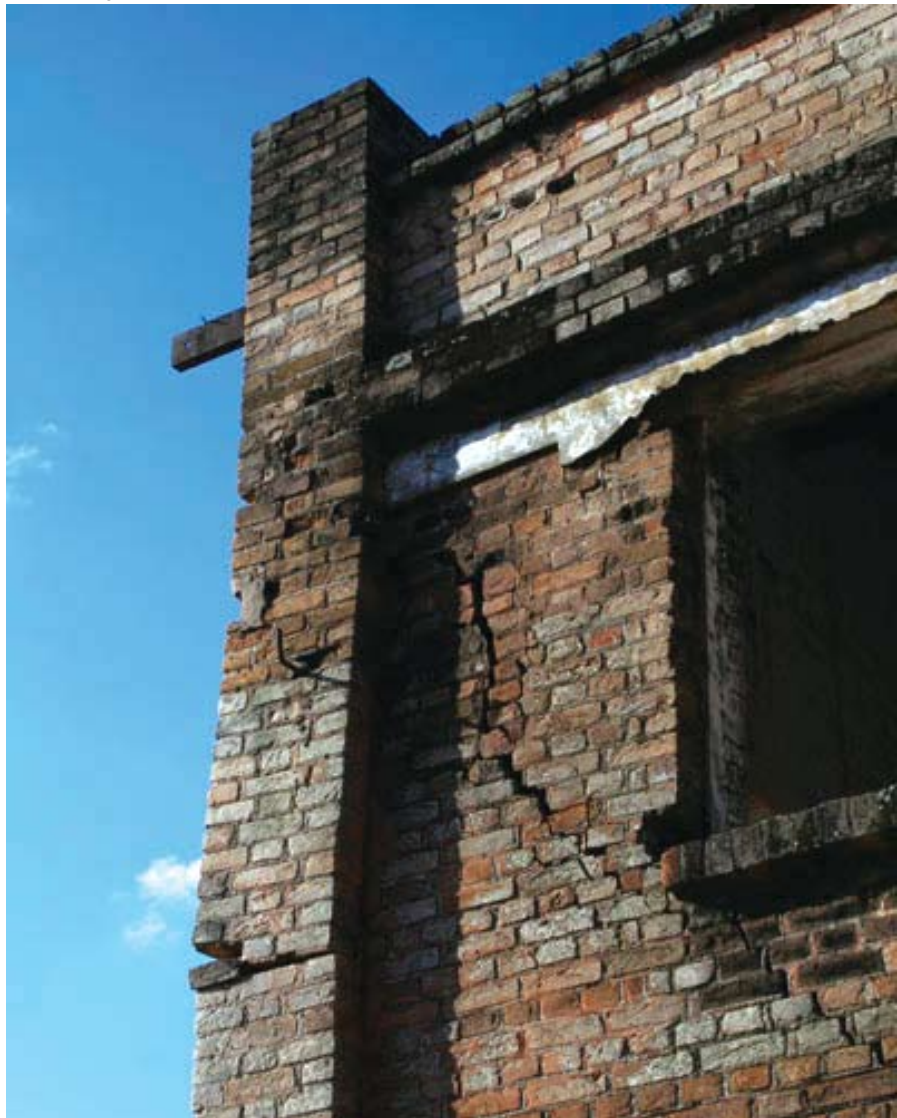
E o melhor deste projeto, inaugurado na Faculdade de Comunicação Social “Jornalista Roberto Marinho” é que não nasce pequeno. Com apoio irrestrito de um dos principais documentos de nossa época, a fotografia, começa grande, agiganta-se diante de inúmeras outras possibilidades de renascimento de histórias perdidas no tempo, esquecidas em gavetas e caixas empoeiradas. Assim como o empreendimento do conde Francesco Matarazzo é o tema desta edição, poderão vir a ser em números seguintes a educação, o agronegócio, o comércio, a cultura, a população, a arquitetura, enfim, cada retalho da vida prudentina que merece ser alçada a um grau máximo de reconhecimento.

Portanto, ao mesmo tempo em que talvez seja esta a grande contribuição da revista Videre, firma-se também no momento de sua publicação o compromisso em continuar a busca por dados históricos que ajudem a reconstituir, com base na técnica jornalística, o cotidiano de Presidente Prudente em épocas passadas. Sempre que houver a consciência de que o patrimônio cultural de uma cidade é a nossa herança do passado e com ele temos que aprender a conviver e respeitar, ganham não só as gerações futuras, mas também a cidadania.

Referências são somadas, histórica e culturalmente, e posteriormente compostas num esforço permanente de reconhecimento de elementos que não podem ser esquecidos. Um trabalho que tem como base principal não o empirismo, mas a pesquisa científica séria e comprometida, e como atores imprescindíveis os futuros jornalistas de nosso país, que entendem neste momento o sentido exato do que é ser responsável socialmente. Bons ventos a Videre e aos seus incansáveis e conscientes autores.



Roberto Mancuzo Jr.
professor especialista orientador



Expediente

Videre

Peça prática integrante do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado Revista Videre: Resgate histórico das Indústrias Matarazzo de Presidente Prudente através da fotodocumentação, entregue à Faculdade de Comunicação Social “Jornalista Roberto Marinho”, da Universidade do Oeste Paulista (Unoeste).

Autoras

Gisele Galindo
Letícia Pinheiro
Lucyanne Castro
Nayara Fernandes

Orientador

Roberto Mancuzo

Editoração Eletrônica

Débora Costa André
Jornalista MTb. 29.050



Fotógrafos

Álvaro Lucas Ceravolo
Ferreira Nascimento
Luiz Fernando Martinez
Mario Viotti Campos
Nathália Moreno Falconi
Paulo Miguel
Ralfe Primiano
Renata Gasperazzo Zacarias
Sergio Maciel
Thyane Brito

ÍNDICE

FÁBRICA

08 ENGRENAGEM
DA HISTÓRIA

10 LEMBRANÇAS
DA INFÂNCIA

13 SERVIÇO
DE OURO

15 A INCERTEZA
DO PASSADO

16 AS FAMÍLIAS

ABANDONO

21 A QUEDA DE
UM IMPÉRIO

REVITALIZAÇÃO

29 NOVOS TEMPOS

36 LINHA DO TEMPO

NIAYARA FERNANDES



Esta revista aborda com delicadeza, poesia e requinte histórico as três fases pelas quais passou o prédio das Indústrias Matarazzo, um monumento histórico cultural da cidade de Presidente Prudente. São elas: a fábrica cerealista, o estado de abandono que sofreu durante décadas e a revitalização, objetivando a instalação de um Centro Cultural.

Todo este resgate é feito por meio de textos e fotos conseguidas pelo grupo em entidades, órgãos públicos e privados, especialmente junto a moradores da Vila Marcondes, bairro pioneiro onde se situa o prédio, ex-funcionários da fábrica, pessoas e fotógrafos interessados pela história.

Um trabalho que se faz necessário devido sua importância histórica para a cidade, com relevância social. Ele traz em si três conteúdos em um, já que realiza um resgate histórico, um aprofundamento sobre o abandono e a importância de se preservar a arquitetura existente de um tempo que remonta à década de 1930.

O leitor poderá passear com os olhos e a imaginação por décadas de transformações da própria cultura prudentina. Perceberá a mudança de uma ideologia rural para cultural. Não que uma tenha extinguido a outra ou sobreposto, mas que cada uma passou a ter seu espaço definido na sociedade atual.

Outro aspecto relevante da revista é a afirmação da fotografia como documento e fonte de pesquisa histórica. É ela que carrega informações preciosas sobre um dado momento vivido, sobre a existência indubitável de pessoas, culturas, características de uma época que poderia ser esquecida, perdida no tempo se não fosse flagrada por uma máquina dos sonhos. Esta que propiciou o advento de tantas outras, como a televisão, o cinema. Ela, a câmera fotográfica.

VIDERE

O nome desta revista tem sua origem no latim e carrega um significado singular, que é ver, olhar. A equipe que produz a Videre encara tal significado como ver de modos diferentes, mas com os mesmos olhos, as imagens apresentadas de um patrimônio da cidade de Presidente Prudente. É dar vida àquilo que um dia estava apagado, esquecido pela maior parcela da população. É também reunir vários olhares em um só elemento físico, que tanto conforta o homem, a possibilidade de se eternizar. A fotografia proporciona isso, seja ela digital ou analógica, é a maneira de dizer: “eu estive aqui”, “eu existo”, não apenas para o ser humano, mas para suas criações.





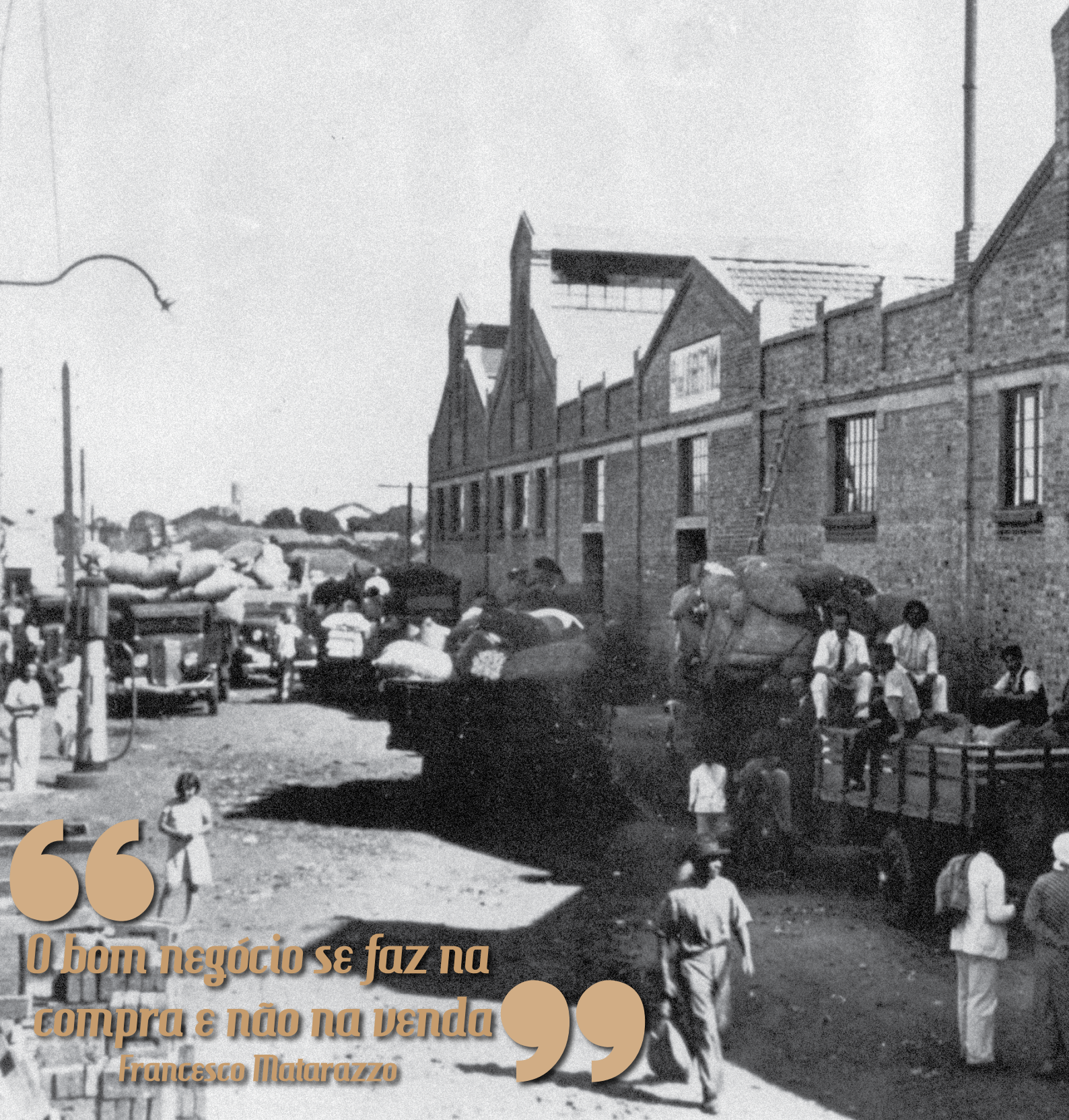
As autoras deste trabalho, que é peça prática do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) da Faculdade de Comunicação Social de Presidente Prudente “Jornalista Roberto Marinho”, da Universidade do Oeste Paulista (Unoeste) intitulado “Revista Videre: Resgate Histórico das Indústrias Matarazzo de Presidente Prudente por meio da fotodocumentação”, agradecem a todos que colaboraram com sua realização. E não foram poucos: aos que cederam um pouco de seu tempo e simpatia para dar informações, documentos e/ou simplesmente para ouvir o grupo e a quem con fiou e forneceu suas preciosas recordações de famílias, presentes em fotos memoráveis, que fazem parte desta revista ou da versão completa do trabalho.

É preciso lembrar ainda dos docentes da faculdade, que desde o princípio colaboraram expressivamente para que o grupo chegasse a esse ponto, capazes de realizar tal trabalho.

E principalmente, às nossas famílias, que fizeram dos membros desse grupo o que são hoje: cidadãos responsáveis, dedicados a levar para a população um bem que preservará parte da história de uma cidade. A todas elas, um muito obrigado por tudo!

Vocês também fazem parte da nossa história.

Algodão em 1937
na Matarazzo!



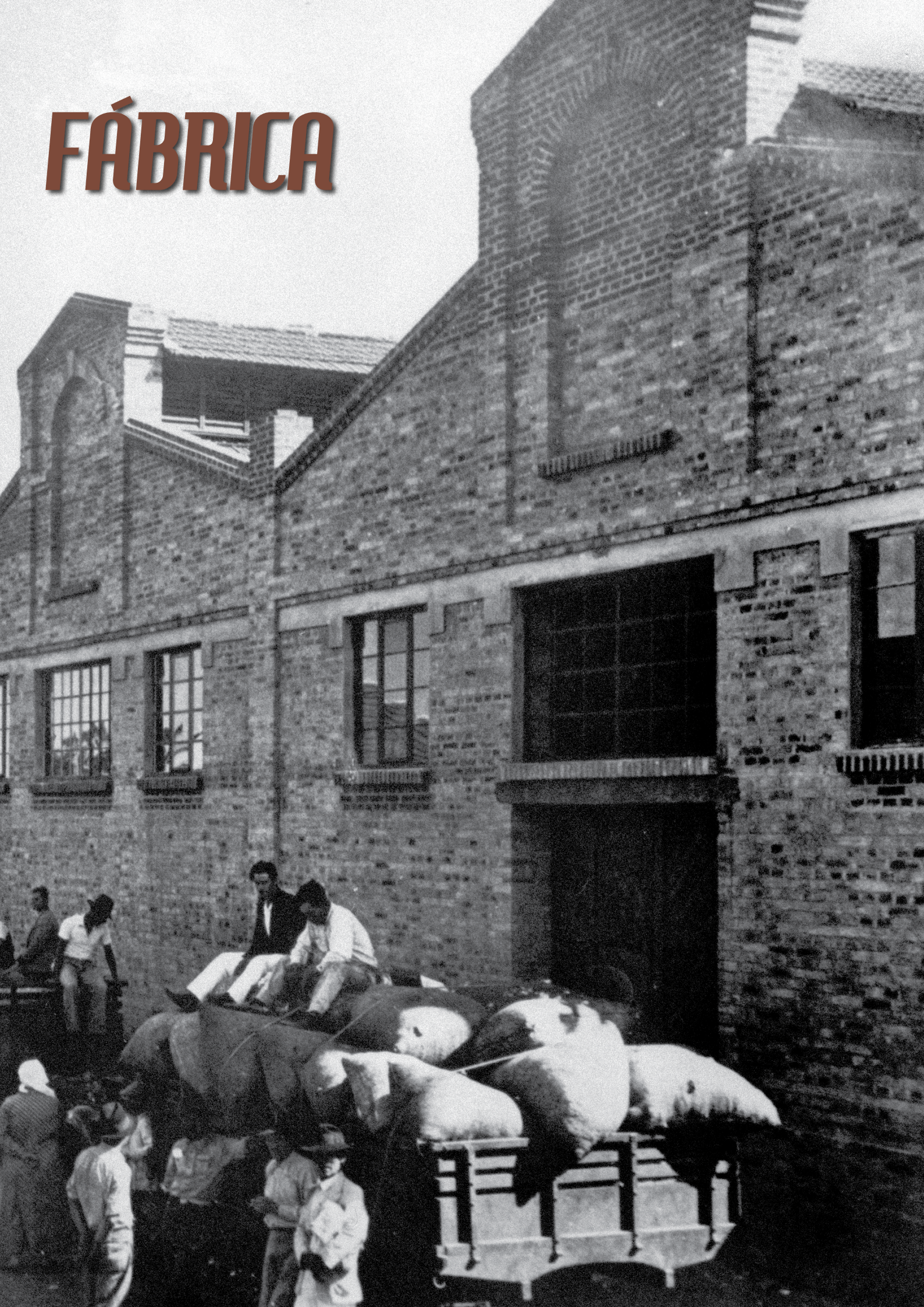
“

O bom negócio se faz na
compra e não na venda

Francesco Matarazzo

”

FÁBRICA



ENGRENAGEM DA MEMÓRIA

Uma era de sonhos, trabalho e sucesso que impulsionou a cidade

Na década de 30, a rua Quintino Bocaiúva, a principal da Vila Marcondes, ainda era de terra pura, batida. “Cheguei aqui com 16 anos, essa rua nem era calçada, o caminhão chegava atolar, era tudo sem asfalto, um barreiro tremendo”, explica o pioneiro Francisco Eufrásio de Oliveira Filho. Mas já é possível perceber na imagem que seria por pouco tempo. Os prédios de comércio e pensões já estavam instalados e as primeiras pedras para melhorar a rua, empilhadas. Mais tarde, no fim da década, em 1937, com a instalação das Indústrias Matarazzo no fim da via o asfalto não demoraria a chegar

Falece aos 82 anos o Conde Francesco Matarazzo, em 1937, um ano depois de ter chegado a Presidente Prudente com uma, de tantas, de suas fábricas. Nessa mesma época o Brasil entra no regime do Estado Novo. Por obra do destino, o Conde Francisco Matarazzo Jr., conhecido como Condinho ou Chiquinho, penúltimo da prole, inabalável, segue o lema latino gravado no brasão das indústrias e na vida dos Matarazzo: Fides, Honor, Labor (fé, honra, trabalho).

A família Matarazzo sempre pensava primeiro no rendimento que determinado negócio traria. Foi por causa da localização e do declínio da cultura do café e crescimento do algodão que uma de suas indústrias foi instalada em Presidente Prudente, onde havia a oportunidade de crescimento. A estrada de ferro Sorocabana cortava o interior paulista e interligava a cidade à capital, trazendo mercadorias, investidores e mão-de-obra. Em Presidente Prudente, as Indústrias Reunidas Francisco Matarazzo (IRFM) chegaram em 1936, mas sua inauguração aconteceu só um ano mais tarde, em 1937. O prédio escolhido pertencia à Companhia Marcondes Colonização Indústria e Comércio. Passou de beneficiadora de café, para os produtos

em alta no momento: algodão e cereais.

Nesta época já havia concorrência. Outras indústrias vieram para Presidente Prudente como a Sanbra, Anderson & Clayton e Mcfaden. Juntas formavam um conglomerado significativo na região, colocando o Oeste Paulista no mapa das indústrias do Estado. Todas se localizavam próximas à linha férrea, na Vila Marcondes. Mário Ferreira, 71 anos, comerciante até hoje no bairro, explica: “antigamente eles faziam as indústrias beirando a ferrovia, que nem no Matarazzo, tinha desvio para dentro do Matarazzo para depois sair lotado.”

Mercedes de Oliveira Boin, 82 anos, moradora da vila Marcondes há mais de 70 anos, conta que quando sua família veio para o bairro, as Indústrias Matarazzo ainda não funcionavam. Suas irmãs chegaram a trabalhar na máquina de beneficiamento de café da família Marcondes. Assim que o Conde Matarazzo comprou o galpão, rapidamente a indústria foi instalada. Ela conta que “quando nós viemos morar aqui não era o Matarazzo era uma máquina de café. As minhas irmãs escolhiam café na máquina. Depois o Matarazzo comprou, mas quando saiu ficou uma porção de desempregados”. ▶

ARQUIVO MUSEU



O INÍCIO
DE UMA
VIDA

GOOGLE IMAGENS

**FRANCESCO MATARAZZO**

O Conde Francesco Matarazzo veio da Itália para o Brasil no final do século XIX. Começou seus negócios produzindo porcos, de onde tirava banha para fazer óleo. Com o passar dos anos, seu espírito empreendedor o levou para outros setores como a produção de azulejos, vestuário, massas alimentícias, velas e sabão. Cruzou as linhas que dividem os estados brasileiros e chegou até ao exterior. Presidente Prudente foi uma de suas últimas obras, já que foi inaugurada definitivamente em 1937, ano em que Francesco morreu, deixando sua herança a Francisco Matarazzo Jr.

GOOGLE IMAGENS

**GETÚLIO VARGAS**

Presidente do Brasil, que entre os anos de 1930 e 1945 implantou um governo ditatorial. Alegando a existência de um plano comunista em terras brasileiras, o Plano Cohen, Vargas aplicou um golpe de estado, fechou o congresso, eliminou os partidos políticos e implantou uma nova constituição. Isto, em 1938, mesma época de funcionamento das Indústrias Matarazzo em Presidente Prudente.

ARQUIVO PESSOAL JOSÉ CARLOS DALTOZO

**LINHA DE FERRO SOROCABANA**

No início do século XX, a construção da Estrada de Ferro Sorocabana ditava o crescimento e povoamento nas áreas urbana e rural. No Oeste Paulista não foi diferente. Assim como para muitas outras empresas, este foi o fator decisivo para a implantação das IRFM em Presidente Prudente. A Sorocabana chegou em definitivo na região em 19 de janeiro de 1919, e iniciou o cenário que guiou a história de Presidente Prudente.

ARQUIVO PESSOAL CELSO PRIOSTE

**IGREJA NOSSA SENHORA APARECIDA**

Uma das igrejas mais antigas da cidade, junto com a catedral de Presidente Prudente. A data de seu início, segundo a Cúria Diocesana, é de 28 de agosto de 1940, na Vila Marcondes

ARQUIVO MUSEU



Grupo de diretores da Companhia Marcondes de Colonização, Indústria e Comércio, na década de 1920. O prédio atrás era um barracão utilizado para o beneficiamento de café, matéria-prima da época. O Brasil entrou no ranking de maior produtor e exportador de café em 1860, suas exportações chegaram a 75%, no começo do século XX. Mas, em 1929, o mundo sofreu uma grande crise, com a quebra da bolsa de valores em Nova York. No entanto, Presidente Prudente registrou a sua maior produção na década de 30. Mesmo assim, a terra se tornou desgastada, o tempo não contribuiu e a concorrência aumentou. A substituição da cultura cafeeira pela algodoeira estava escrita

Na década de 1940 começava a colocação de guias, sarjeta e nivelamento da Quintino Bocaiúva, rua central da futura Vila Marcondes. Dela sairiam mais nove ruas que iriam compor mais tarde um dos dois núcleos urbanos que deram origem a Presidente Prudente. O outro era a Vila Goulart, do lado oeste da linha férrea da Estrada Sorocabana, criada pelo pioneiro Francisco de Paula Goulart. O lado leste, hoje chamado de além-linha, teve início a partir do trabalho de José Soares Marcondes. Seu neto, Washington Luis da Cunha Marcondes, 76 anos, conta que o avô, já conhecido na época como Coronel Marcondes, comprou uma área muito grande das fazendas Montalvão e Mandaguari e visualizou ali uma cidade. Contratou agrimensores e projetou as vias, inclusive a principal delas, Quintino Bocaiúva. Ali, que ele construiu o primeiro prédio, a

Companhia Marcondes de Colonização Indústria e Comércio, e depois a igreja de Nossa Senhora Aparecida.

A Companhia servia como uma empresa “de abastecimento da Vila Marcondes. Tinha tudo ali. Era um armazém enorme na beira da linha do trem”, explica Ronaldo Macedo, diretor do Departamento de Patrimônio Histórico e Memória do Museu e Arquivo Histórico Prefeito Antonio Sandoval Netto. O empreendimento cresceu, ganhou novos prédios ao lado, mas funcionou só até 1927. Depois foram deixados de lado e colocados à venda. “O Matarazzo veio e comprou aquela área e depois uma outra, que seria um loteamento da prefeitura para a construção de casas, cedida para ele [Francesco Matarazzo], tanto que o quarteirão é muito grande. O portão central do Matarazzo era uma rua que foi fechada”.

Nas Indústrias Matarazzo, homens e mulheres trabalhavam para o sustento de suas famílias, geralmente na época de safra. Os caminhões vinham abarrotados de algodão dos sítios para serem descarregados na IRFM. Luiz Gimenez, comerciante e morador da Vila Marcondes, diz que uma vez contou 190 “caminhões-zinhos”, pois naquele tempo ainda não tinha carreta. Ferreira completa: “ficavam em fila, naquele tempo era tudo fila, era muito sitiante pequeno, então eles formavam uma fila para descarregar, porque o algodão era classificado, para depois pesar e jogar na tulha. Então demorava.”

A principal rua da Vila Marcondes, Quintino Bocaiúva, foi uma das primeiras da cidade. Através dela, que abrigava tantas indústrias, Presidente Prudente progrediu. O comércio girava em torno dos negócios realizados nas safras de algodão e cereais. Segundo José Adelino Piffer, filho de um carroceiro que fazia frete na época, a fila de caminhões ficava parada esperando a unidade do Matarazzo abrir para entrar e descarregar. “Matarazzo fazia valorizar o comércio. Quando eu abri a oficina aqui ainda funcionava pouca coisa, o pessoal vendia mercadoria e tinha muito serviço. Eu trabalhava na Coronel Marcondes. Meu patrão falava: ‘agora nessa safra vai dar muito serviço para nós’, e era verdade.”

Muitos dos trabalhadores utilizavam os serviços da cidade durante o ano todo e apenas pagavam por eles na época da safra, quando vendiam suas mercadorias. Se um sitiante necessitava de remédios, chegava ao comércio, dizia o que precisava, pegava o dinheiro com o comerciante e comprava. Somente quando vendia a produção agrícola do ano em uma das indústrias, principalmente nas Indústrias Matarazzo, liquidava suas dívidas. Ferreira diz que “não se vendia a dinheiro, se vendia por ano. Nós dávamos o dinheiro e quando a colheita fosse vendida, ele pagava”. Elvira Bacco de Oliveira, 75 anos, dona-de-casa, diz que enquanto o pai trabalhava na Matarazzo, ela vendia muitos bibelôs para as mulheres da IRFM, que recebiam o pagamento e saíam direto para sua loja. “Naquela época usava muito, as mulheres eram todas nossas freguesas”, diz.

Outra área do comércio bem movimentada era a das pensões, onde os trabalhadores ficavam. O pai de Mercedes possuía um comércio no estilo “secos e molhados”, chamado Casas Oliveira. Nos fundos, havia uma pensão que sua mãe administrava. “Tinha muita gente que vinha de longe, dos sítios, chegava aqui à noite, então jantava, dormia e no outro dia entrava cedinho na fila para entregar algodão”. Ivonne ►



Como em toda máquina de beneficiamento, era obrigatória a presença das tulhas, que são cavidades onde o produto deve ser armazenado depois de seco. O telhado protegia da chuva. Nas Indústrias Matarazzo elas eram enormes por causa da grande produção. “Aqueles buracões eram chamados de tulha. Cada uma delas tinha um tipo de algodão. Se a tulha estivesse pela metade, por exemplo, e chegasse uma carga daquele tipo de algodão, era preciso secar antes, porque não podia ser tirado o caroço com ele úmido. Quando estava seco, jogava lá”, diz Robert Wolf, 63, bancário aposentado, que ouviu a explicação do pai dele, funcionário das Indústrias Matarazzo

LEMBRANÇAS DA INFÂNCIA

José Adelino Piffer relembra seus tempos de menino. “A rua era de terra, a entrada da cidade era pela rua Paraná. Esse pessoal que vinha por esses sítios vizinhos por aí, Regente, Indiana, vinham aqueles caminhões-zinhos, carros carregados de sacos de amendoim. Eu ficava olhando, tinha uns oito, sete anos, ia atrás, furava os sacos para pegar e comer amendoim, ia até lá no Matarazzo, isso tudo eu lembro! Bom, aí acordava cedo para comprar pão e via aquelas filas de caminhões tudo parado, o que eu fazia? Enchia os bolsos, aí lá pulava dos caminhões, tinha amendoim do chão que você via e catava era a maior festa!”

Mário Ferreira narra que havia um campinho de futebol, onde a Matarazzo aproveitava para colocar algodão nos tempos de safra, devido à enorme quantidade e necessidade de espaço. Por isso as crianças esperavam a retirada do algodão para brincar no campinho.

Eliana Antonia Mestrinelli Cardoso, conta: “Era muito lindo. Era caminhão que entrava, que saía, a gente ficava na janela da sala e via a algodoeria, o algodão branco, que tirava das tulhas e caía em cima dos caminhões. O nosso maior divertimento era ficar vendo os caroços de algodão e os caminhões irem levando, então foi uma infância deliciosa na época do movimento do Matarazzo. Os caminhões de amendoim, a gente furava os sacos pra ficar comendo, era um divertimento, eu lembro foi muito divertido.”

Ana Cândida Cortez Aguiar, 77 anos, recorda que “na Matarazzo tinha vez que a gente passava o dia todo sentada na área apreciando o movimento, ali eu morei 13 anos, na rua Pará”.

Faustina Ocanha Angeli, 69 anos, moradora há 40 anos no bairro, desperta-se para uma lembrança viva em sua memória: “A gente quando era criança vinha andar de bicicleta, minha mãe brigava, porque a única rua asfaltada era essa, a que tinha mais movimento”. Ela se refere à rua Quintino Bocaiúva, que no início era de terra, passou para paralelepípedo e foi a primeira a ser asfaltada. “Com o tempo eles passaram uma camada de asfalto por cima, mas só essa rua, o resto era tudo terra”, diz.



O movimento nas Indústrias Matarazzo na época da safra era uma atração a parte. Caminhões chegavam carregados a todo momento e iam sendo empilhados do lado de fora para a pesagem obrigatória e a classificação das espécies de maior ou menor qualidade. A imagem, da década de 1940, mostra um desses carregamentos chegando e ainda é possível perceber o caminhão típico da época e os famosos fardos. “Eram sacos, de juta, hoje já é plástico. Vinham em pacotões, sacos grandes e pesavam 50, 60 quilos. Conforme o ensacador era amarrado, costurado, com barbante e fazia aquela pilha bem alta”, explica Wolf

100 ANOS DE EXISTÊNCIA

Em 1982, comemorava-se o centenário das Indústrias Matarazzo no Brasil e muitas obras foram lançadas, entre elas o livro “Matarazzo 100 anos”, de Jorge da Cunha Lima. A obra apresenta desde a viagem do conde Francesco Matarazzo da Itália, instalação de seu primeiro comércio em Sorocaba, no interior paulista, construção de seu conglomerado industrial até sua morte e herança. O livro contém um trecho que mostra como seu império era respeitado e valioso para a economia do país: “No dia 8 de março de 1934, o Diário da Noite publicava matéria assinada por Assis Chateaubriand, que sintetizava, fundando-se em dados objetivos, toda a admiração dos brasileiros pelo Conde Matarazzo. Dizia: Para os que olham a unidade do Brasil como um tesouro a preservar, nenhuma organização privada possui papel mais saliente na sua defesa política quanto a cadeia de indústrias do Conde Matarazzo. (...) Há um novo

Estado brasileiro. Entre as 20 unidades da Federação e mais o Distrito Federal e o Território do Acre, existe um Estado economicamente quase tão rico como São Paulo, e mais rico, como riqueza produzida, do que o erário do Distrito Federal, o de Minas ou o do Rio Grande do Sul. Quero falar do Estado Matarazzo, que não se localiza felizmente só nas terras de Piratininga, pois que abrange a geografia econômica de todo o Brasil. Enquanto São Paulo tem uma renda bruta de 400 mil contos, Minas de 140 mil, o Rio Grande do Sul de 130 mil, a Prefeitura carioca de 270 mil, o parque das IRF Matarazzo possui de receita bruta uma cifra que atinge o algarismo de 350 mil contos. (...) É fora de dúvida, portanto, que o Conde Matarazzo financeira e economicamente é o segundo Estado do Brasil. Somente o ultrapassam a União Federal, o Departamento Nacional do Café e São Paulo”.



de Aguiar Alia, 79 anos, esposa do ex-gerente da Matarazzo, Florence Alia Martins, diz: “todos que vinham eram caminhoneiros e precisavam comer. Então acabavam ficando nas pensões. Tinham umas cinco pensões em frente ao Matarazzo”.

As IRFM não paravam um segundo. Trabalhavam 24 horas. Ivonne Alia conta que “quando a máquina começava a rodar não parava mais. Não tinha domingo, dia santo, não tinha nada. Não podia parar porque demorava para engrenar. Como primeiro era à lenha, tinha uma chaminé enorme, quando esquentava era de uma vez”.

Porém, o algodão não escapou de sofrer sua crise, assim como havia acontecido com o café. Outros países passaram a produzir e exportar o produto. O consumo do algodão brasileiro caiu e junto também a produção e o rendimento das indústrias. Os negócios da família Matarazzo não iam bem. O resultado foi a lenta falência de todo um patrimônio, deixado primeiro à Chiquinho e depois à Maria Pia, neta de Francesco. Várias tentativas foram feitas para retornar aos momentos áureos, mas em vão.

Em Presidente Prudente, a fábrica tentou trabalhar com outros produtos, como amendoim e milho, ainda assim não foi o suficiente. O valor da obra como indústria havia passado e parecia que nada poderia mudar tal situação.

De 1937 a 1970, as IRFM formaram uma das engrenagens da região do Oeste Paulista. A “mola mestra da nossa vida”, diz Elvira. Paulo Alfaro Júnior, biólogo e pastor, diz que a “Vila Marcondes foi uma região do comércio. Presidente Prudente foi uma região que sustentou praticamente diferentes lugares do Estado de São Paulo, do Brasil. Foi uma região muito produtiva em termos de agricultura.” ▣



ARQUIVO PESSOAL MERCEDES BOIN

Agrícola Tarifa. O homem de boina com a criança no colo, Cida, era o dono do caminhão; ao lado esquerdo dele está Nelson, filho de Antônio Oliveira, seu cunhado, dono da mercearia; à frente do caminhão estão as crianças, da esquerda para direita: Roberto, filho de Tarifa; Neusa, filha de Antônio; as gêmeas Iolanda e Zilda e a pequena Irene. Os moços, em volta do caminhão, eram ajudantes. Um dos ajudantes está em cima da carga, embaixo do poste de luz, para mostrar como eram farta e alta as sacas de algodão. Mercedes recorda, saudosa, do pé de jenipapo ao lado esquerdo e observou a cerca de sarrafo em volta do terreno, ao fundo na fotografia, vestígios de uma época em que Presidente Prudente começava a tomar ares urbanos

ARQUIVO PESSOAL CECÍLIA KODAMA



Ryoichi Kodama, imigrante japonês, está na direção de um de seus quatro caminhões, segundo Helena, usados para frete de mercadorias. A época, como se percebe ao fundo, retratava o início do desbravamento da região, com muitas matas ainda intocadas. Na carroceria, da direita para esquerda, as crianças: Jorge e Raul, filhos de Ryoichi; Antonio, Francisco, filhos de Enoue (em pé), dono do sítio, e Roberto, filho de Ryoichi



Devido ao grande movimento de caminhões as empresas instalavam bombas de combustível próximas aos prédios. Esta foto é em um posto de combustível na Vila Marcondes. Posando na porta do caminhão está Manoel Vieira Prioste, pai de Celso Prioste. Em cima, estão os ajudantes; em volta, curiosos e funcionários do posto



Caminhões utilizados para frete de mercadorias, que iam das plantações para as fábricas na cidade. Celso Prioste explica que o pai trabalhou para mais de um patrão. Na primeira fotografia, o garoto à esquerda é Celso Prioste, o da direita é seu irmão, Alcides Vieira Prioste e o homem dentro do caminhão é Manoel Vieira, pai das crianças.

Na foto abaixo, ele posa com o caminhão de um de seus patrões, Caetano Lupion, comprador de algodão. O outro homem na foto é Agostinho Gomes, ajudante. O caminhão era usado para compra e revenda de algodão. Nota-se que, naquela época, a maioria dos homens vestia boinas ou chapéus, não apenas um costume pela moda, mas uma necessidade, por trabalharem ao ar livre, acessório de proteção para a cabeça. Outro detalhe que chama bastante atenção é a logomarca da empresa de Lupion na porta, o que demonstra a organização e identificação visual do comércio

SERVIÇO DE OURO

As Indústrias Matarazzo atendiam duas épocas de safra ao ano. Eram 24 horas de funcionamento das máquinas, assim que os produtos chegavam. Depois das exaustivas e longas filas de caminhões, os funcionários colocavam o algodão aprovado nas tulhas para o descarçamento.

Conforme Ulrich Roberto Adolf Wolf, “o caminhão pesava 10 mil quilos, carregava, pesava ele vazio e dava cinco mil de arroba”. Ele explica que não se trabalhava o algodão em quilo, mas em arroba, “era tudo separado em lote. Toda produção era transformada em arroba, para ver a produtividade daquele ano”, diz. Wolf conta que a entressafra era utilizada para desmontar as máquinas e remontá-las. Esse sistema era realizado todos os anos, “era o tempo de desmontar, montar e começava outra safra. Se durante a safra quebrasse uma máquina, parava tudo”.

As famílias e trabalhadores seguiam o mesmo ritmo de vida que hoje tem os que trabalham na produção de cana-de-açúcar. “Mais ou menos como é o pessoal que só trabalha na cana, na época do corte. Eles ganhavam por produtividade, conforme a tonelagem. Quanto mais descarregavam, quanto mais horas trabalhadas, mais ganhavam”, completa Wolf.

Ele diz que havia uma pessoa responsável por medir a temperatura do algodão. O que era de boa qualidade era aquele bem seco e quando colocado nas tulhas, era realizada tal medição, já que o perigo de pegar fogo era extremo.

Wolf aponta que cada fardo chegava a pesar de 400 a 500 quilos, depois de prensado, dividido por tipos e catalogados. Existiam os de tipo oito, seis e cinco, pelo que se recorda. Quanto maior o número, menor a qualidade e era comum ocorrerem brigas entre os produtores e o balanceiro. Testes eram realizados, como medir o teor de fibra, que nem sempre resultava no mesmo número, por isso a discórdia. Mas, quem trabalhou na época afirma: “a primeira viagem era a melhor, as posteriores caíam de qualidade!”. ▀



ARQUIVO MUSEU

Família Koyanagui na plantação em 1930 de algodão. Da esquerda para direita estão Kiochi Koyanagui, Reikiti, Toshio, no colo da mulher, a criança Hideko e ao lado Kumassaro. Da preparação da terra à colheita, o trabalho era feito por toda a família



ARQUIVO MUSEU

A família Kodama fazia frete para as Indústrias da região. Conforme Cecília Kodama, alguns membros de sua família estão presentes nessa imagem. Em cima do caminhão, da esquerda para a direita, seus dois irmãos Raul Kodama, que mora em São Paulo, e Roberto, que vive em Presidente Prudente. A segunda moça da fileira de branco é Maria Kodama, em 1936

PROCESSO DE BENEFICIAMENTO DO ALGODÃO

O algodão chegava em caroço, dentro do que chamavam fardos feitos de um fio de luta, muito comum na época, hoje são em plásticos. Pesavam “50, 60 quilos, conforme o ensacador, eram amarrados, costurados com barbante e faziam uma pilha bem alta”, segundo Wolf. Eram colocados nas tulhas, em cada uma era um tipo de algodão. Para a retirada do caroço era preciso que o algodão estivesse seco, não raro, alguns chegavam úmidos. Assim que chegava a carga, os funcionários colocavam nas cabeças e jogavam o algodão na tulha, que era sugado para dentro das máquinas. Quando descarado, o caroço ia para um lugar e a fibra para uma prensa. Os trens eram carregados de fibra ou de caroço. As fibras normalmente serviam para exportação ou fábricas de tecido do próprio Matarazzo e o caroço para fazer óleo. “Era um serviço bacana. O fardo tinha um tecido especial, um saquinho que embrulhava o algodão, parecido com estopa”, diz Wolf.

Na década de 1940, por causa das indústrias do interior paulista, era grande o consumo de carretas e caminhões. Por isso, as empresas fabricantes faziam propagandas para conquistar o consumidor, produtores e pessoas que trabalhavam com frete. É o caso desta foto que exhibe o caminhão Ford, empresa que aproveitou esse período da história



A INCERTEZA DO PASSADO

As Indústrias Reunidas Francisco Matarazzo de Presidente Prudente não escaparam dos típicos imprevistos a que as pequenas, médias e grandes indústrias estão sujeitas.

As décadas de 40 e 50 são apontadas como épocas para um possível incêndio. Mercedes Oliveira Boin, 82 anos, diz que o incêndio ocorreu “só uma vez, era umas 14h30. No último salão era depósito de algodão e aqui também era, essa parte do meio é que eles limpavam o algodão e faziam os fardos para despachar”, mas ela não se recorda da data.

Luiz Gimenez, 77 anos, conta que “foi em 1950, pegou fogo, nós jogamos tanta água, porque eram umas casas de madeira e ficamos jogando água. Queimou muito algodão. O Matarazzo estava bem preparado de poço artesiano. Ele tinha um poço e um motor de caminhão, se apagasse a força”. Antônia Boer Mestrinelli, 82 anos, esposa de Otávio Mestrinelli, que trabalhou durante 22 anos na Matarazzo, diz que as Indústrias realizavam treinamento para incêndio.

Lucila Martins Barbato, 75 anos, aposentada, recorda que o incêndio aconteceu na véspera de Natal. “Tocou a sirene e meu pai até pensou que estava festejando o fim da safra”. Ela explica que o algodão já havia sido transportado, os fardos que estavam na fábrica eram da semente do algodão. “A semente de algodão é puro óleo, por isso ficou bastante tempo queimando”. A moradora do bairro conta que, na véspera de Natal, havia missa do galo à meia-noite na igreja Matriz Nossa Senhora Aparecida. “A cidade inteira veio ver o incêndio antes da missa do galo.”

Um dos dados encontrados foi um documento de memória, escrito por Florence Alia Martins, em 1987. A informação é parecida com o que Barbato se lembra. Nele é narrado o incêndio: “No dia 24 de dezembro de 1943, a indústria foi prejudicada com um violento incêndio que destruiu boa parte das instalações e prédios, queimando grande quantidade de fardos de algodão beneficiados que se encontravam estocados. Em seguida foram reconstruídas as partes atingidas pelo fogo, nos primeiros quatro meses do ano de 1944.”

De acordo com um parecer técnico de Marcos Norberto Boin, assistente técnico judiciário, “o primeiro prédio, construído no início do século XX, foi totalmente destruído pelo fogo e deu lugar a atual edificação que era composta da antiga fábrica de beneficiamento de algodão, residência e uma vila de funcionários.”

ARQUIVO MUSEU



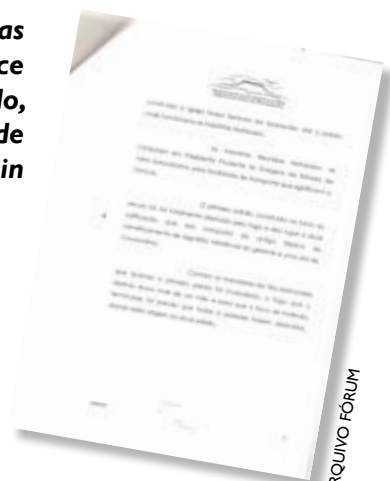
Otávio Mestrinelli, o segundo da direita para esquerda, foi vigia das Indústrias Matarazzo durante 23 anos



ARQUIVO PESSOAL VONNIE ALIA



Acima, as memórias escritas por Florence Alia Martins. Ao lado, o parecer técnico de Marcos Boin



ARQUIVO FÓRUM

AS FAMÍLIAS

Alguns funcionários moravam nas Indústrias Matarazzo de Presidente Prudente, nas três casinhas ao lado do prédio, como o balanceiro, o maquinista e o classificador.

A esposa de Otavio Mestrinelli, conta que ele começou a trabalhar em 1960, primeiramente exerceu a função de porteiro, quando o balanceiro foi transferido, ele passou a exercer tal função. Antonia Boer Mestrinelli, 82 anos, diz que até mesmo quando as Indústrias fecharam, eles continuaram morando na casa. Otávio trabalhou como vigia para o INPS (Instituto Nacional de Previdência Social). "Nós ficamos ainda sete anos, ele ficou guardando tudo", diz Antonia. Ela relata que moraram na casa das Indústrias Matarazzo durante 22 anos, tiveram 14 filhos, e viveram momentos importantes como festas, aniversários e casamentos, comuns à maioria das famílias. "Até 82 me deixaram ficar na casa quase um ano, me ofereceram aquela casa para eu comprar", finaliza.

Neusa Vicentin Penha, 77 anos, era casada com Artur Penha, que trabalhava na Matarazzo na parte do escritório, depois foi promovido à gerente. Os dois se casaram e foram morar no prédio das Indústrias Matarazzo. Ela relembra um momento que presenciou: "O que marcou foi quando seu Otavio veio de Catanduva com uma penca de filhos. Meu marido contava quando o conde veio para Prudente perguntou de quem eram as crianças. Deve ter achado que tinha uma creche no Matarazzo".

A terceira família que ocupava uma das casas era a de Paulo Victor, ensacador, que embalava os fardos, pai de Izaura Victor Scalon, que se casou e foi morar na Vila Marcondes com o marido Américo Scalon, carregador de fardos para empilhamento. Os dois tiveram seus filhos, que cresceram e hoje contam a história da família. A casa das irmãs Ivanir e Irani Scalon fica em frente ao fundo da IRFM.



ARQUIVO PESSOAL IRANY SCALON

Funcionários da Indústria, em 1940
Irany Scalon, 63 anos, irmã de Ivanir Scalon reconhece o tio, Mário Scalon, terceiro de cima para baixo. "Ele e meu pai carregavam fardos para empilhar. Esses são fardos de algodão. Eles trabalhavam para colocar lá em cima"



ARQUIVO PESSOAL IRANY SCALON

Ivanir Aparecida Scalon Sposito, 65 anos, filha do casal Scalon, morador de uma das casas das Indústrias Matarazzo, diz que à frente está sua avó Olinda, ao lado, a tia Pedrina e atrás a nora da avó



ARQUIVO PESSOAL IRANY SCALON

Quem tirava as fotos da família Scalon era o avô, Paulo Victor, que possuía uma máquina fotográfica, objeto ainda de luxo naquela época, por isso as fotografias eram raras



Em julho de 1979, o casal Mestrinelli decidiu tirar a foto da família em frente ao escritório das Indústrias Matarazzo pelo alojamento em que moravam ser pequeno. Nela estão, Otávio, ao lado de sua esposa Antônia Bôer Mestrinelli, ambos sentados, com seus 14 filhos, noras, genros e netos



A filha dos Mestrinelli, Noemi Mestrinelli, recebida pelo noivo Antônio Carlos Ferreira. O casamento aconteceu na casa da Matarazzo no dia 15 de fevereiro de 1969. Ferreira conta: “montava-se a mesa, o tableião e o juiz de paz compareciam e realizavam a cerimônia”



Foto de agosto, de 1981. Da esquerda para a direita estão Eliana, Silvana Mestrinelli Lavander, Elionete Mestrinelli Ribeiro, Lígia Marcia, Maura Ester Mestrinelli e Gustavo de Oliveira Mestrinelli. “Está tudo diferente, meu Deus!”, Eliana Antonia Mestrinelli Cardoso, filha



Família Penha comemora aniversário em um dos alojamentos das Indústrias Matarazzo



“

Matarazzo foi a luz que se
apagou da Vila Marcondes

Francisco Eufrásio

”

ABANDONO



A QUEDA DE

Tudo pelo o que um homem luta



ÁLVARO CERÁVOLLO

Local onde funcionavam as seis tulhas, utilizadas para armazenar o algodão. Durante um concurso, promovido pela Prefeitura de Presidente Prudente, vários fotógrafos profissionais e amadores “clícaram” aspectos do abandono sofrido pelo prédio da antiga IRFM

Com o passar das safras o complexo Matarazzo perdeu suas forças em todo Estado de São Paulo, sofrendo gradual declínio de suas atividades. Era a década de 1970, mais especificamente 1976. A interrupção, porém, não foi brusca. Segundo os moradores mais antigos, o movimento foi diminuindo aos poucos até que não houvesse mais procura por parte dos agricultores, já que não havia mais negócios a serem feitos.

Hoje pouco resta da herança Matarazzo. Uma das raras sobreviventes foi a Indústria Matarazzo de Óleos e Derivados, fabricante do sabonete Francis, localizada na capital do Estado. O prédio de Presidente Prudente, onde funcionavam as IRFM, ficou fechado por anos sob o controle do antigo INPS (Instituto Nacional de Previdência Social), atual INSS (Instituto Nacional de Seguro Social), que o recebeu por causa de dívidas trabalhistas. O diretor do museu de Presidente Prudente, Ronaldo Macedo, conta: “sei que ela fechou em 1976, pelo registro de hipoteca, mas não existe uma data que se pode dizer foi nesse dia. Foi mais ou menos pelo meio desse ano que a indústria fechou o hipotecário e assumiu o controle da edificação. Tanto que 20 anos depois, em 1987, ainda existia documentação lá dentro, mobiliário, alguns armários de guardar ferramentas”.

Mesmo o INPS tendo tomado posse do prédio, o poder público municipal iniciou um processo de preservação da área. Em 1985, Paulo Roberto Lisboa, delegado regional da Cultura, enviou um ofício ao Condephaat (Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico Artístico, Arqueológico e Turístico), justificando a necessidade do tombamento definitivo do imóvel. Nesse documento havia um anexo intitulado “Razões para o Tomba-



NATÁLIA MORENO FALCONI

Nos áureos tempos da IRFM o trem fazia sua curva para entrar na Indústria e ser carregado de algodão e caroços pelos funcionários. Nessa imagem já não são vistos os trilhos, e sim os muros e chão desgastados, quebrados. Além do mato que cresce e toma conta do ambiente

UM IMPÉRIO

acaba, assim como uma safra

mento das IRF Matarazzo S/A”.

Eram textos de apoio ao tombamento da Câmara Municipal de Presidente Prudente, Secretaria de Economia e Planejamento, Clube Prudentino de Fotógrafos, entre outros, além de abaixo-assinados da comunidade paroquial da igreja Matriz Nossa Senhora Aparecida (280 assinaturas) e moradores da Vila Marcondes (68 assinaturas).

Outro movimento ocorreu a favor do edifício, Macedo diz que na década de 80 a classe cultural pleiteou o tombamento do prédio. “A idéia central sempre foi um centro cultural. Temos em São Paulo o Sesc Pompéia, que era uma área fabril do Matarazzo”.

Depois das reivindicações e por sua importância histórica e cultural, o edifício foi tombado provisoriamente em 1984, pelo Decreto Municipal nº 5.435/84, e definitivamente em 1987, pelo decreto do Executivo Municipal nº 6.128/87. Seja por seu valor arquitetônico, histórico, turístico ou sentimental, um tombamento reflete a necessidade humana de se preservar a história, o passado e a memória de uma sociedade.

A guerra, porém, não estava vencida. Mesmo se tornando um patrimônio da cidade, ele não foi bem cuidado. Enquanto os poderes decidiam o que fazer, em meio a tentativas de leilões e comodatos, os moradores assistiam a um verdadeiro processo de deterioração tomar conta do prédio. Luiz Gimenez, comerciante da Vila Marcondes, afirmou que quando estava abandonado, o lugar se tornou muito perigoso, tanto que ele chegou a ser assaltado duas vezes. “Os assaltantes possuíam caminhos certos pela construção, entravam por um lado e saíam pelo outro, não davam chance para quem quisesse pegá-los”, explica. Diz também que outra preocupação era com a saúde. A área, abandonada, virou refúgio de insetos, animais peçonhentos e pouco agradáveis. “Um dia entrou um gambá em casa”.

Elvira Bacco fala também de uma outra luta travada por quem morava próximo do prédio ▶



NATÁLIA MORENO FALCONI

Prédio principal das Indústrias Matarazzo, com muita umidade e desgaste. Observa-se o chão, onde o paralelepípedo original está coberto de terra, grama e até árvores, que cresceram durante os anos de abandono



FERREIRA NASCIMENTO

Paredes descascando, infiltração e teto desabando, a situação era realmente precária nas estruturas da antiga IRFM



“Parou, parou no tempo”
Emerson Mário Grandi, 50 anos

Pelo estado de abandono que o prédio sofreu a dobradiça foi perdendo a sua proteção e enferrujou, bem como a maior parte dos materiais similares existentes, como: portas de metal, parafusos e encanamentos

RENATA GASPERAZZO ZACARIAS



No século XXI ainda restava algum maquinário das IRFM no interior do prédio. Coberto por poeira, seu destino seria o museu da cidade. A janela ao fundo, teve todos seus vidros quebrados

“Uns chamavam de lixão também”

José Serrano Dela Costa, 61 anos



“Era um horror, tudo abandonado”

Elvira Bacco de Oliveira, 75 anos

Com a pouca proteção que restava do telhado e das janelas, a água da chuva parava no interior da construção Matarazzo, propiciando a formação de poças d’água que virariam criadouros do mosquito Aedes aegypti, transmissor da dengue

abandonado. “Ali era um horror, eles procuravam dengue na casa da gente. Tinha que procurar era no Matarazzo, tudo abandonado, cheio de mato, a vida inteira sem fazer uma limpeza”.

Somente em 2002 é que a prefeitura iniciou um processo de recuperação. Demoraria mais de seis anos, mas foi um começo. Um pedido de avaliação para compra foi feito para Caixa Econômica Federal e dali saiu o valor venal, que desconsidera a movimentação do mercado, ou seja, localização, época, valor histórico, demanda e procura do imóvel. Macedo aponta que a área do prédio é de 10 mil m², muito cara, já que está localizado em uma região próxima ao centro comercial da cidade, e foi avaliada em “R\$ 200 mil, uma quantia irrisória, mesmo deteriorada. A prefeitura comprou”, diz. ▣



LUIZ FERNANDO MARTINEZ

O acúmulo de água trazida pela chuva durante décadas proporcionou a formação de lodo. Em pouco tempo, paredes e chão estavam cobertos com uma camada verde



THYANE BRITO

“Dava uma tristeza e uma vontade de chorar”.

Neusa Penha, 77 anos

“Tenho três filhas, não deixava elas passarem em frente ao Matarazzo, tinha medo”. Iveta Pellosi Alfaro, 50 anos

A imagem mostra o que restou de um dos portões das Indústrias Matarazzo de Presidente Prudente, que sofreram muito com o vandalismo. O local servia também como refúgio de animais como cachorros, gambás, cobras e aranhas

ARQUIVO MUSEU



SEM PROTEÇÃO
o prédio começa a
receber influências
do mundo externo



O fotógrafo Paulo Miguel registra pela sua objetiva a vegetação que invade o prédio das Indústrias Matarazzo

Um toque de delicadeza na construção das IRFM abandonadas por 20 anos



FOTOS PAULO MIGUEL



Mesmo abandonado, o prédio das IRFM foi utilizado como cenário para ensaio fotográfico de Carolina Andreotti, designer de ambientes e artes-plásticas, que convidou o fotógrafo Paulo Miguel para realizar seu ensaio, em 2006.

Ela optou pela seda, com estampas coloridas e fortes, referências da cultura africana. Na época foi necessário uma autorização da prefeitura. Em alguns momentos do trabalho foi preciso o uso do capacete de segurança pelo risco iminente de desabamento.

A escolha do local pela designer foi devido à paixão pelo prédio e por ser “uma construção rústica, muros meio em demolição, queria algo que tivesse uma história. O Matarazzo veio de encontro com os meus desejos”, diz.

Era a arte conquistando seu espaço no futuro solo do Centro Cultural de Presidente Prudente. As curvas e retas da arquitetura das décadas de 30 e 40 estavam sendo preenchidas pelo olhar cativo do registro fotográfico, que consegue tornar tudo belo.



“

*Não dá prá descrever a emoção quando
se realiza o sonho de muitas pessoas*

Fábio Nogueira

”

REVITALIZAÇÃO





A linha do trem tinha um desvio para o Matarazzo, passava por onde está o jardim de palmeiras. As portas serviam de acesso às telhas, onde havia um barracão e hoje estão as salas de multiuso. O trem chegava, descarregava e depois era a vez de descarregar e armazenar o algodão. Depois de ter sido feita esta rua, foi preciso subir seu nível para ter o mesmo alinhamento da via que passa do outro lado

NOVOS TEMPOS

Uma mudança que levou duas décadas preenchidas de sonhos e esperança

A Após décadas de abandono o prédio das Indústrias Matarazzo começa a ser reestruturado. Chega à Presidente Prudente a tendência da valorização cultural, ocorrida em todo o Estado e a prefeitura coloca em prática o projeto de transformar o edifício das IRFM em um Centro Cultural.

Alguns prefeitos mostraram interesse junto a população, mas nenhum conseguiu aprovar o pedido de compra. Em 2006, Agripino Lima, prefeito na época, conseguiu efetuar a compra e o projeto foi retomado. Para tanto, iniciou-se um processo de pesquisa de empresas para a revitalização e características de referência para o prédio. A empresa Etama, de São Paulo, foi a escolhida para a restauração.

Por causa do estado precário, alguns lugares foram adaptados. Iara Valim, arquiteta responsável pelo projeto, diz que o prédio era todo modulado a cada 10m, “na época do Matarazzo eram só barracões, as paredes internas não existiam”, afirma. Um exemplo disso é o barracão onde ficavam as telhas. Nele foi feito o teatro, mas pouco se pôde aproveitar do material existente, apenas o declive serviu para a formação da platéia e do palco. A madeira peroba rosa, difícil de ser encontrada atualmente, que formava as pilastras do barracão, foi reaproveitada em outros locais, bem como as telhas.

Conforme a arquiteta, no local havia seis tipos de telhas francesas. Todas foram retiradas, lavadas e reaproveitadas. “No momento da lavagem a jato foi que percebemos a diferença entre elas”, conta. Foi preciso separá-las para que fossem encaixadas corretamente. Ela narra que usavam as telhas iguais de um lado do teto e, se desse, continuavam do outro, caso contrário, ficaria um lado com um tipo de telha e o outro com um diferente, o que aconteceu na ala onde está a Secretaria da Cultura hoje, que mudou sua sede para a Matarazzo no dia 23 de junho de 2008.

A fachada da entrada principal, com o nome S/A . I. R. F. Matarazzo, foi mantida. Para a reestruturação das paredes, os tijolos, que não estavam danificados, foram limpos e preservados. Os que tinham buracos, como muitos da parte externa do prédio, foram retirados e com eles feito uma massa para a formação de novos tijolos.

O pátio central serviu para armazenamento e lavagem das telhas e tijolos, após a revitalização dos barracões, os paralelepípedos do pátio foram removidos para a reforma e recolocados após o término da construção do boulevard.

Segundo o secretário da Cultura no período da compra, Fábio Nogueira, ao retirarem parte da terra na área que serviria à escola de música, foi encontrada, em torno de um metro de profundidade, uma camada de vinte centímetros de solo preto, resto de um possível incêndio.

A reestruturação do edifício foi concluída depois de dois anos. Atualmente a secretaria trabalha a vinda dos equipamentos para cinema, teatro, infocentro e ala de comunicação, como rádio e TV. ▶





FOTOS ARQUIVO PESSOAL IARA VALIM

Estrutura do teatro, onde existiam seis telhas das IRFM, que tinham por volta de 2,90m de profundidade. Delas, foi aproveitado o declive; a primeira serviu para a construção da platéia e a terceira para o palco



Pensando na necessidade da área de lazer, a arquiteta Iara Valim planejou a construção de um quiosque, que poderá ser alugado para venda de sorvetes, pastéis e sucos

Os moradores da Vila Marcondes estão satisfeitos com a mudança. O que para eles antes era motivo de desgosto, agora surge como motivação para o comércio e setor imobiliário. É um novo começo para o bairro, segundo Iracema Caobianco Silva, 60 anos, arte-educadora. “Eu passo no Matarazzo e tenho uma sensação de felicidade tão grande, é indescritível, porque eu acompanhei a história e agora como voluntária também quero estar dentro do Matarazzo e fazer todo trabalho que eu faço, oficina literária, oficina de artes plásticas”.

No dia 28 de junho de 2008 o diretor de Eventos da Secretaria de Cultura, Denílson Bigueti, organizou uma mostra com artistas de Presidente Prudente, com o intuito de abrir as portas do Centro Cultural para a população com visita monitorada.

No segundo semestre, a prefeitura autorizou a realização de algumas atividades como cursos de música e dança, nas salas de multiuso, localizadas na parte de trás do prédio e artesanato no mesmo bloco onde fica a secretaria. Outros espaços são destinados a ensaios de grupos da cidade e região, como teatro, bandas e corais. Eventos esporádicos também são realizados, como simpósios, exposições e palestras.

Medidas quanto à divulgação das atividades e do funcionamento estão sendo tomadas. Por exemplo, a sinalização por toda a cidade, indicando o caminho para o Centro Cultural Matarazzo. Outra medida é relacionada à acessibilidade, referente ao transporte público, já que a Vila Marcondes não está preparada para o fluxo de pessoas esperado. Outra questão foi observada, como há grande presença de pombos na área do prédio, isso causa problemas na higienização do local, já que as telhas não detêm a sujeira dos animais, e atrapalha o trabalho dos funcionários da Secretaria de Cultura, que invariavelmente precisam mudar de sala. Segundo Valim, será necessário uma nova proteção interna nos blocos.

Muitas datas foram previstas para a total inauguração do centro. Devido à mudança de governo neste ano de 2008, o Secretário da Cultural, Wilson Portela, calcula que o Centro Cultural Matarazzo funcionará plenamente no final de janeiro de 2009. ▣

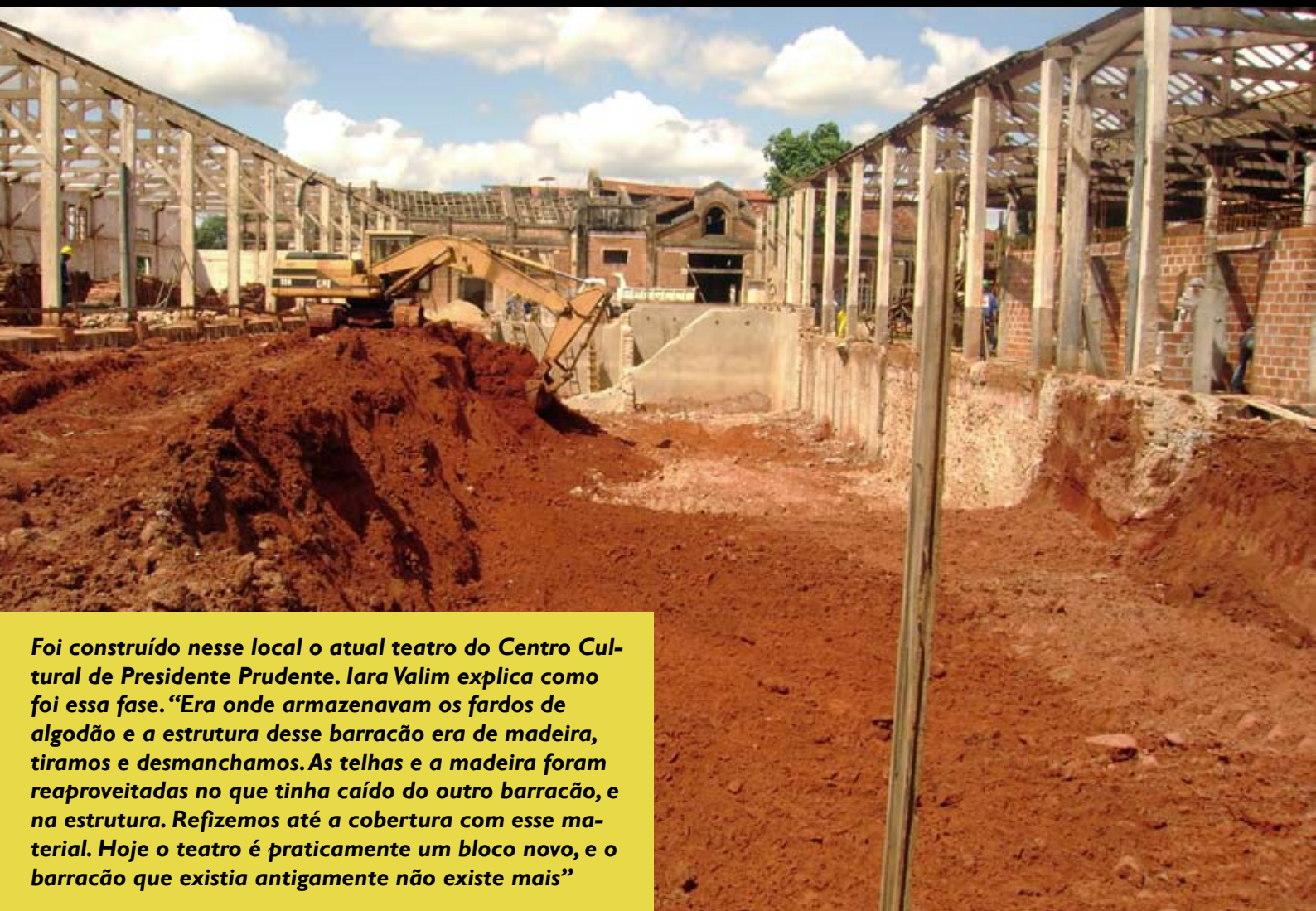


Vista geral da retirada e lavagem das telhas. Foi o início da construção das salas de música para a Escola Municipal de Artes “Professora Jupyra Cunha Marcondes”

As telhas originais do prédio das Indústrias Matarazzo de Presidente Prudente, foram retiradas e lavadas, para serem recolocadas. Existem seis tipos de telhas e uma seleção foi realizada “para poder encaixar, ter o encaixe dela perfeito na cobertura”, diz Iara Valim, arquiteta responsável pelo projeto de revitalização. “As que faltaram foram compradas na região. Parte dessa cobertura nós precisamos colocar telhas novas, para que não misturassem com as antigas”, conclui



FOTOS ARQUIVO PESSOAL IARA VALIM



Foi construído nesse local o atual teatro do Centro Cultural de Presidente Prudente. Iara Valim explica como foi essa fase. “Era onde armazenavam os fardos de algodão e a estrutura desse barracão era de madeira, tiramos e desmanchamos. As telhas e a madeira foram reaproveitadas no que tinha caído do outro barracão, e na estrutura. Refizemos até a cobertura com esse material. Hoje o teatro é praticamente um bloco novo, e o barracão que existia antigamente não existe mais”

O prédio das IRFM é de grande extensão, a área do seu terreno corresponde a 10.300 m², sendo que a área construída é de 14.000 m². Em vários setores existem dois pavimentos. A esquina, onde ficava a casa do gerente das Indústrias Matarazzo, foi transformado em um jardim, com coreto para apresentações e bancos de praça. O muro que antes existia, cercan-do a indústria foi tirado para não escon-der a praça e favorecer uma visão mais ampla do prédio



GISELE GALINDO

LETÍCIA PINHEIRO



Pátio do Centro Cultural, onde foram instalados modelos de luminárias antigas para remeter os visitantes à época em que a IRFM funcionava

Dos trilhos da Ferrovia Sorocabana é possível ver a parte de trás do Centro Cultural. Nesse bloco são realizados cursos e oficinas diversas para a comunidade, onde também fica o estacionamento para alunos, profissionais e visitantes



NAYARA FERNANDES

O reflexo de uma nova era. No prédio principal são realizadas exposições, como da Semana da Consciência Negra, realizada em novembro, onde podiam ser vistos trajes e artigos típicos da cultura africana

A rua histórica, onde está o Centro Cultural, leva o nome do jornalista e político brasileiro, Quintino Antônio Ferreira de Sousa Bocaiúva (1836-1912). Com os novos tempos, os moradores e comerciantes da Quintino Bocaiúva estão esperançosos quanto à revitalização e melhoria do comércio e valorização imobiliária

NAYARA FERNANDES



Lateral externa do prédio do Centro Cultural, onde fica o coreto e na lateral bancos de praças foram colocados para acomodar os espectadores em dia de apresentação. A ferragem do coreto, que tinha sido demolido da praça da Igreja Nossa Senhora Aparecida, foi encontrada no museu da cidade. Para a instalação dele no Matarazzo, foram utilizadas as dimensões ainda existentes na praça da igreja da Vila Marcondes

Pátio interno do Centro Cultural Matarazzo destinado para descanso e lazer dos usuários, com um perbolado, feito de madeira eucalipto, onde foram plantadas trepadeiras para futuramente obter um sombreado. Um local para servir como ponto de encontro



GISELE GALINDO

GISELE GALINDO



Local do antigo escritório das Indústrias Matarazzo, hoje dividido em uma sala de segurança e refeitório para os funcionários do Centro Cultural

Vista de dentro da atual sala de segurança. As janelas, que antes eram de madeira, foram substituídas por ferro e vidro, para um melhor aproveitamento do material



LUCYANNE CASTRO



Com tudo novo e revitalizado, o Centro Cultural Matarazzo abriu suas portas para uma pré-inauguração no dia 28 de junho de 2008



Pré-inauguração, a primeira mostra de arte intitulada “Templo da arte. Tempo de arte – O começo”, recebeu aproximadamente cinco mil pessoas no Centro Cultural Matarazzo



Feira de artesanato denominada “Feirarte”, realizada no espaço Boulevard da Matarazzo, durante a pré-inauguração. Esse local servirá tanto para exposições quanto para apresentações de teatro



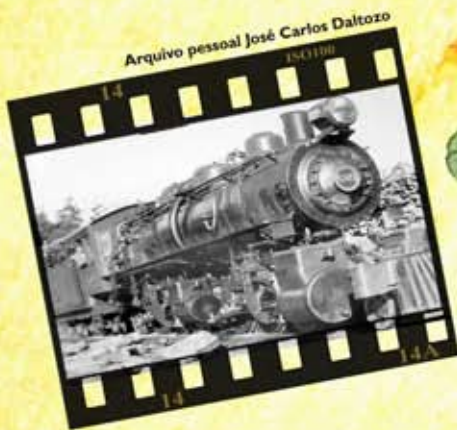
Espectáculo de dança, “Sentimentos Abertos”, da Companhia 2 Unoeste, realizado no Espaço Sala de Ensaio 2, local destinado a apresentações artísticas. Essa foi a primeira mostra de arte com produção local em todas as linguagens

3 DÉCADA DE 70

Com a queda da produção algodoeira e o aumento da concorrência, as Indústrias Matarazzo foram parando. Seu fim foi decretado com a múltipla falência dos negócios da família, restando poucas unidades no Estado de São Paulo. O prédio de Presidente Prudente ficou abandonado. Uma luta para reerguer e revitalizá-lo era travada.

2 DÉCADA DE 30

Francesco Matarazzo, imigrante italiano, construiu seu conglomerado brasileiro. Chegou a possuir mais de 200 indústrias, que se abasteciam e produziam para venda. Uma delas eram as Indústrias Matarazzo de Presidente Prudente, beneficiadora de algodão e grãos, que fez crescer a cidade. Com a morte de seu criador, quem tomou conta de seus negócios foi o 12º filho, Francisco Matarazzo Júnior.



1 DÉCADA DE 20

Tudo começou com um terreno, onde José Soares Marcondes decidiu investir. Dali para frente só aconteceu avanços. Um armazém de beneficiamento de café num simples barracão se transformou em parte de um conglomerado industrial.



Arquivo Museu

créditos Arquivos Iara Valim

créditos Arquivo Museu

Arquivo Iara Valim





5 SÉCULO XXI

A Prefeitura de Presidente Prudente consegue comprar o prédio em estado precário e um projeto de transformar as Indústrias Matarazzo em um Centro Cultural entra em ação. Alguns eventos, cursos e apresentações são realizados, mas a inauguração completa está prevista para o começo de 2009. Para garantir o sucesso dessa obra, a Prefeitura colocará sinalização pela cidade e melhorará a acessibilidade ao local.

4 DÉCADA DE 80

Movimentos do meio artístico local e pedidos de tombamento do prédio das IRFM são feitos pela população e órgãos da cidade. Em 1987 o edifício foi tombado definitivamente, mas continuou em estado crítico de abandono. O prédio estava em posse do INSS. A prefeitura faz várias tentativas de compra, assim como outras empresas.



Centro Cultural **MATARAZZO**

LETÍCIA PINHEIRO

**“Uma conquista da cidade e das
pessoas que trabalharam para isso”.**

Ronaldo Macedo

APOIO CULTURAL

É sempre bom ver novos fotodocumentários. Melhor ainda é ver pessoas novas produzindo-os. O projeto de recuperação histórica da pujança, do abandono e da revitalização do prédio da antiga S/A Indústrias Reunidas Francesco Matarazzo, em Presidente Prudente, é um exemplo vivo do despertar dos jovens para a preservação da memória de suas cidades. O coordenador, Roberto Mancuzzo, é um jovem professor da Unoeste. Juventude, aliás, é uma das características marcantes de Gisele Galindo, Letícia Pinheiro, Lucyanne Castro e Nayara Fernandes, as quatro estudantes (agora jornalistas recém-formadas) que trabalharam com ele nesse projeto. Todos jovens, mas com discernimento, dedicação e atitudes de gente madura.

Essa moçada, com certeza, dará continuidade ao importantíssimo trabalho de documentação fotográfica das transformações urbanas, iniciado imediatamente após a invenção da fotografia e que, hoje, é de fundamental importância para que possamos conhecer o passado, compreender o presente e planejar o futuro. O registro de transformações urbanas foi – e é – importantíssimo para o resgate e preservação da identidade e da memória. A história do Rio de Janeiro, por exemplo, teria um vácuo sem as fotografias de Marc Ferrez (1843-1923) e Augusto Malta (1864-1957); o mesmo aconteceria com São Paulo não fossem os registros documentais de Guilherme Gaensly (1843-1928) e Militão Augusto de Azevedo (1837-1905).

Para que não haja vácuos na história de Presidente Prudente – e de nenhuma cidade ou localidade – o despertar de jovens fotógrafos e pesquisadores para a importância do resgate do patrimônio histórico e cultural é tão imprescindível quanto a consciência da preservação e a responsabilidade social de democratizar os resultados obtidos, como estão fazendo com a publicação da revista *Videre*.

Parabéns ao grupo. Sucesso nas futuras empreitadas.

Prof. Dr. Paulo César Boni

Coordenador do Mestrado em Comunicação Visual da Universidade Estadual de Londrina